

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas
Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

**Coleções, Memória e Poder: análise de dois museus pelotenses
(Museu Municipal Parque da Baronesa e Museu
Farmacêutico Moura)**

Taciana Casanova

Pelotas, Junho de 2010.

Taciana Casanova

**Coleções, Memória e Poder: análise de dois museus pelotenses
(Museu Municipal Parque da Baronesa e Museu
Farmacêutico Moura)**

Trabalho monográfico apresentado ao
Curso de Bacharelado em Museologia da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Museologia

Orientador: Prof. MS. Daniel Maurício Viana de
Souza

Pelotas, Junho 2010.

A BANCA EXAMINADORA, ABAIXO ASSINADA, APROVA A
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Coleções, Memória e Poder: análise de dois museus pelotenses
(Museu Municipal Parque da Baronesa e Museu
Farmacêutico Moura)**

Taciana Casanova

Banca examinadora:

Prof. MS. Daniel Maurício Viana de Souza (orientador)

Prof. Dr. José Eduardo Figueiredo Dornelles.

Pelotas, Julho de 2010

Dedico este trabalho a: meu pai, que contribuiu ativamente para minha formação pessoal, me ensinando dignidade e respeito pelo próximo; minha mãe, que sempre acreditou em mim; meus irmãos; e ao Junior. Amo todos vocês.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao professor Daniel, que aceitou ser meu orientador e me ajudou muito mesmo, graças a ele eu não deixei tudo pra última hora, pois ele estava sempre me cobrando, exigindo, e isso foi muito importante, para a realização deste trabalho - um especial obrigado a ti!

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada, que muitas vezes foi difícil, especialmente por fazer um curso que não me agradava, não me interessava. No primeiro dia de aula, lembro que a professora Maria Letícia, nos perguntou “porque vocês resolveram fazer museologia?” E a minha resposta foi: “eu caí de pára-quedas aqui neste curso”. E realmente não foi pensado, era um curso novo, eu havia acabado de desistir de uma faculdade (biologia) que eu fazia no Paraná, vim para Pelotas, e não havia estudado para o vestibular, fiz... passei...então vamos fazer!

Mas que curso é esse? Totalmente teórico completamente diferente da biologia, ou da veterinária, (que eu vou fazer assim que acabar esse). É, confesso que muitas vezes tive vontade de desistir. E é por isso que eu agradeço primeiramente a quem me deu força para eu não desistir, aquelas pessoas que sempre estiveram do meu lado, e dizendo “falta pouco”, “vamos lá”, ou então “eu te apoio no que tu decidir”. Essas pessoas são: Junior, “obrigada pelo carinho e pela paciência, (nas horas de desespero)”. Minha mãe e minha Irmã: “vocês sempre me deram força, acreditaram em mim, sabiam que eu era capaz de ir até o fim”. Ao meu pai, que não sabia muito bem se eu estava gostando do curso ou não, porque como mora longe eu não queria preocupá-lo, mas mesmo assim eu agradeço pelo carinho, e claro pela mesada, pois sem ela não seria possível fazer um curso que exige tempo integral. Como tu sempre diz o melhor bem que tu podes deixar é a educação, e isso tu me deste, não só a educação de nível superior, mas tudo que eu aprendi na vida, todos os valores e os princípios eu agradeço a ti... tu és o melhor pai do mundo!. Agradeço também ao meu irmão, que também mesmo estando longe fez parte dessa caminhada, e muitas vezes me deu força para que eu seguisse.

Bom, até agora eu só agradei a quem não me deixou desistir, mas quem estava por perto sabe que isso fez parte desta caminhada. Porém, parece que assim, o curso de museologia é ruim, e isso eu não posso dizer, afinal tem muita coisa interessante e teve professores que quase fizeram eu me apaixonar de vez pelo curso.

À professora Maria Letícia, no primeiro semestre com a matéria de memória e patrimônio, confesso que foi uma das melhores matérias que tive. Essa professora esteve presente no início e no fim do curso, ou seja, nos acompanhou em toda nossa jornada, sempre nos ensinando muuuuuuuito. À professora Claudia, que me deu a chance de fazer meu primeiro estágio, na Santa Casa, onde eu aprendi muito. Ao professor Diego, que graças a ele, eu escolhi o tema dessa monografia. Ao professor Dornelles que aceitou participar da banca examinadora.

Também gostaria de agradecer ao Senhor Gilberto Perez de Moura por ter me concedido uma entrevista que foi de grande valia para este trabalho. Também à diretora do Museu Municipal Parque da Baronesa, Annelise Montone, que contribui para a realização deste trabalho, e me auxiliou no estágio final. E a Dona Antoninha que também me recebeu com tanto carinho e atenção, e contribuiu para a realização deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer à Professora Francisca, que não foi minha professora, mas aceitou ser minha orientadora (porque eu pretendia fazer este trabalho sobre expografia), porém como ocorreu a troca do tema, então houve a mudança de orientador, tenho certeza que serias tão boa orientadora como o professor Daniel.

E do pessoal da museologia, não poderia deixar de agradecer ainda, à minha amiga Sandra, que também muitas vezes ouviu reclamações, que também passou por situações parecidas com a minha, mas nós chegamos até o fim, amiga! Obrigada por tudo. E espero te encontrar ano que vem no Campus, vai atrás dos teus sonhos!

Enfim, agradeço a todos novamente, obrigada, obrigada, obrigada!

Resumo

CASANOVA, Taciana. **Coleções, Memória e Poder: análise de dois museus pelotenses (Museu Municipal Parque da Baronesa e Museu Farmacêutico Moura)** 2010. 39f. Trabalho de conclusão de curso, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

Resumo: Na presente monografia, é abordado o fenômeno do colecionismo e suas implicações nos processos de criação e desenvolvimento dos museus como instâncias de memória e poder. São analisadas coleções particulares inseridas em dois museus de Pelotas, o primeiro é Museu Municipal Parque da Baronesa, sendo seu acervo constituído de várias coleções particulares, entre elas a coleção de Antonia de Oliveira Sampaio. O segundo museu é o Museu Farmacêutico Moura, que é uma instituição museológica vinculada à iniciativa privada, sendo fundado a partir da coleção particular de José Gilberto Peres de Moura.

Palavras-chave: coleção, poder, memória, Museu da Baronesa, Museu Moura.

Abstract

CASANOVA, Taciana **coleções, memória e poder: análise de dois museus pelotenses (Museu Municipal Parque da Baronesa e Museu Farmacêutico Moura)** 2010. 39f. Trabalho de conclusão de curso, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

In this monograph addresses the phenomenon of hoarding and its implications in the processes of creation and development of museums as spaces for memory and power. Analyzed are included in private collections of two museums Pelotas, the first is the Municipal Museum of the Baroness Park, with its collection consists of several private collections, including the collection of Antonia de Oliveira Sampaio. The second museum is the Pharmaceutical museum Moura, who is a museum institution linked to private initiative, being funded from the private collection of Jose Gilberto Peres de Moura.

Keywords: collection, power, memory, Baroness Museum, Museum Moura.

Sumário

Introdução.....	10
CAPÍTULO 1: Coleccionismo.....	13
1.1 Conceitos e definições.....	13
CAPÍTULO 2: Museu, colecionismo e poder.....	20
2.1 Museu: breve história.....	20
2.2 Objeto musealizado e idéia de poder.....	23
CAPÍTULO 3: Relações de poder e memória nos museus pelotenses.....	28
3.1 Pelotas e seus Museus.....	28
3.2 Museu Municipal Parque da Baronesa.....	31
3.3 Museu Farmacêutico Moura.....	36
Considerações Finais.....	39
Fontes primárias	42
Referências bibliográficas.....	43

Introdução

A história dos museus está indissolúvelmente ligada ao colecionismo. Considerando que os museus de hoje tem suas origens (é claro que não excluindo a contribuição do *museion* na Grécia) nos gabinetes de curiosidades, que surgiram no século XV quando os europeus lançaram-se ao mar adquirindo objetos estranhos aos que estavam acostumados, é correto inferir que o acúmulo desses objetos resultou em inúmeras coleções que posteriormente foram abertas ao público, culminando nos museus modernos.

No século XV, os europeus lançam-se ao mar após a queda do feudalismo, eles procuravam novas terras para explorar. Nessas viagens eles encontram espécimes animais e vegetais, assim como culturas e objetos nunca vistos antes, e como eles queriam mostrar o que tinham visto em terras distantes, começaram a coletar tudo que podiam. Muitas dessas viagens eram patrocinadas por pessoas ricas que formaram suas próprias coleções, estas eram chamadas de gabinetes de curiosidades, porque nelas podia se ver de tudo um pouco – tinham um caráter enciclopédico, pois, quanto mais objetos mais conhecimento. Esse gabinetes eram abertos somente a quem seus proprietários quisessem, geralmente com o intuito de se afirmarem como os “detentores do conhecimento”.

Algumas pessoas contribuíram muitos para a formação dos gabinetes de curiosidades, dentre elas os naturalistas (que coletavam vários espécimes), sendo Charles Darwin o mais conhecido. Pode-se ainda: os navegadores, que levavam as pessoas para lugares distantes, os aventureiros, e os “patrocinadores”, que muitas vezes eram os próprios reis que bancavam as expedições com o objetivo de aumentarem suas riquezas e representar o poder através de suas coleções.

Torna-se importante percorrer o caminho: antiquários → colecionadores → museus. Provavelmente, muitos objetos fazem essa trajetória que também pode ser representada da seguinte forma: os primeiros de “supostas fontes”, os segundos de “intermediários”, ou “salvadores” e os terceiros de “destinos” ou “eternizadores”.

Explicando o termo salvador para colecionador, é porque o destino dos objetos é o lixo, é um fato, ele pode durar anos, mas um dia acaba no lixo, e o colecionador salva os objetos de seu destino, ou seja, o recolhe e o torna digno de “sobreviver”. Porém o colecionador não garante a “eternização” do objeto, visto que muitas coleções acabam sendo extraviadas, ou voltam para antiquários, com o destino incerto de seus gestores.

Portanto, uma coleção particular só se mantém contínua quando seu dono está em condições de geri-las. Já dentro de um museu é diferente, quando um objeto passa a integrar seu acervo, aí sim ele é eternizado, pois é guardado para servir como documento, fonte de informação para futuras gerações.

O presente estudo pretende analisar o colecionismo como prática essencial à constituição de museus, focando especificamente na cidade de Pelotas/RS. Intenta-se ainda, explicitar a profunda relação entre as coleções de origem particular inseridas nestas instituições museológicas e suas implicações nas construções de memória e representações de estruturas de poder.

O motivo pelo qual o colecionismo foi o critério para a escolha dos museus pelotenses, é porque as coleções sempre estiveram presentes nos museus, e em Pelotas há uma grande quantidade de antiquários¹, que por certo, servem de fontes de objetos para colecionadores. Logo, se há tantos antiquários² deve haver muitos compradores, alguns com grandes coleções, que até mesmo sozinhas seriam capazes de formar um museu.

Dentre os museus da cidade de Pelotas, serão estudados dois, o Museu Municipal Parque da Baronesa, e o Museu Farmacêutico Moura – não como estudo de caso, mas como campo empírico, dando base à argumentação teórica – que foram formados por importantes coleções particulares. A metodologia utilizada será de cunho qualitativo, lançando mão dos seguintes procedimentos metodológicos: revisão de literatura, pesquisa documental e entrevista com os colecionadores Antonia de Oliveira Sampaio e José Gilberto Moura, diretamente ligados a constituição dos acervos das instituições museológicas aqui elencadas.

Para realização deste trabalho se buscou dois tipos de fontes, as secundárias, nas quais os principais teóricos serão Philip Blom, e Krzyztof, Pomian; e nas fontes primárias, nas quais se encontram as entrevistas feitas com os colecionadores já mencionados. As entrevistas realizadas se darão na forma de história oral, pois este procedimento metodológico produz uma documentação alternativa e diferenciada dos demais trabalhos que utilizam somente fontes escritas. Além disso, ela estabelece novos

¹ A questão dos antiquários, por se tratar de um tema amplo demais para se trabalhar em uma monografia, (em conjunto com o colecionismo), será brevemente pincelado, mas não poderia ficar de fora, pois ao se falar em coleções particulares é praticamente impossível não falar em antiquários.

² Cadastrados na telelista 2009 há 17, sem contar os sebos e feiras de antiguidades.

entendimentos sobre o passado recente, ampliando vozes, e possibilitando o conhecimento de diferentes versões.

A monografia encontra-se dividida em três capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo é apresentada uma breve história do colecionismo (o surgimento e seu desenvolvimento) e de algumas coleções particulares que deram origem a importantes museus. No capítulo dois, inicialmente é apresentada a origem dos museus e seu desenvolvimento, passando de gabinetes de curiosidades e coleções restritas a minoria, até a abertura definitiva ao público. Em seguida, o foco volta-se às relações entre memória e poder constituídas dentro dos museus e as relações entre colecionador e coleções. O terceiro capítulo é dirigido aos museus pelotenses com foco no Museu Municipal Parque da Baronesa e no Museu Farmacêutico Moura. Neste capítulo ainda, apresentamos as entrevistas com os dois colecionadores que contribuíram para a formação dos museus citados, Antonia de Oliveira Sampaio e José Gilberto Moura, assim como as suas relações com as instituições referidas, e também, a presença de interesses de poder e memória entre eles e as respectivas instituições.

CAPÍTULO 1: Colecionismo.

O colecionismo é um fenômeno caracterizado por práticas sistemáticas de reunião de diversos objetos e está indissolúvelmente ligado à história dos museus. Desta forma, este capítulo apresentará alguns dos conceitos e definições sobre o colecionismo, assim como seu desenvolvimento ao longo da história, focando como exemplo algumas coleções que serviram de base para a formação dos primeiros museus no ocidente moderno.

1.1 – Conceitos e definições:

A curiosidade é uma das qualidades dominantes na figura do colecionador (JANEIRA, 2005). Primeiro, a curiosidade era voltada para o estranho, coletava-se tudo que não conhecia-se: conchas, seres defeituosos, “monstros da natureza”, rochas folhas, dentre outros. As coleções presentes nos “gabinetes” dos séculos XVII ao século XVIII tinham sido cheios de objetos e criaturas extraordinárias, fora da ordem das coisas. O objetivo final desse projeto tinha sido ampliar o tipo de conhecimento do mundo existente no ocidente para uma realidade muito além do que se julgava possível (BLOM, 2003: 109).

Desta forma os chamados “gabinetes de curiosidades”, são conhecidos por terem caráter enciclopédico, tratando-se do agrupamento de vários objetos “que dão a idéia da existência de “outros”, sendo também lugares onde há “uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos” (POSSAS, 2005: 151). Essa idéia de “existência de outros”, é uma sensação muito comum dentro dos gabinetes de curiosidade, pois com a coleta de vários objetos de terras longínquas, seria possível, saber como seus habitantes viviam, ou pelo menos saber quais objetos que os cercavam. Dessa forma, “a paixão de conhecer, comparar e compreender desdobra-se em angústia frente ao inexplicável, ao mágico, ao irracional do qual rompe também o gosto pelo bizarro e pelo fantástico” (GIRAUDY & BOUILHET, 1990: 23).

De acordo com Janeira (2006: 15), há duas grandes áreas do colecionismo, “a área da história de arte e a área da história natural”. Essas áreas eram indissociáveis dentro dos gabinetes de curiosidades: “fascinantes eram eles, pela mistura, um tanto indisciplinada e pouco organizada de quadros, conchas, armas, relíquias, estatuetas, etc.”.

Lugli, (1998), por seu turno, entende as coleções dos gabinetes de curiosidade do século XVI e XVII, subdivididas em dois grandes eixos: *Naturalia* e *Mirabilia* – que era a forma geral vigente de se representar o conhecimento produzido naquela época. No primeiro (*Naturalia*) estavam presentes exemplares do reino animal, vegetal e mineral. E no segundo (*Mirabilia*) estavam presentes os objetos vindos da produção humana e as antiguidades e objetos exóticos.

Até o século XVI, as coleções eram frequentemente encontradas em palácios, pois os príncipes estavam interessados em acumular objetos que eram “ao mesmo tempo belos e preciosos, que aumentavam sua fortuna e seu poder” (BLOM, 2003: 33). No final do século XVI e início do século XVII, ou seja, mais ou menos um século depois dos europeus chegarem às terras do novo mundo, novos seres e objetos vindos das terras distantes eram encontrados todos os dias. Logo, “o conhecimento explodiu, enquanto os horizontes antigos eram ampliados para além de tudo àquilo que se julgava possível” (BLOM, *ibid.*: 35). Tal expansão do conhecimento fez então com que a Europa “vivesse seu primeiro surto de atividade colecionadora” (BLOM, *ibid.*: 37).

As novidades que surgiam todos os dias fizeram aumentar o número de pilhagens na época, isto ocorreu, pois, “os barcos chegavam carregados de preciosidades múltiplas, (...) possibilitava um mercado nunca visto de objetos, através de redes com circulação transoceânicas” (JANEIRA, 2005: 231). Nesse período, o ato de colecionar adquire novos significados conceituais, uma mudança na perspectiva de quais coleções seriam dignas de serem preservadas. Como afirma Janeira (*ibid.*: 231), “à bens culturais, até então majoritários, juntam-se, agora, muitos bens naturais: ter uma árvore exótica no jardim, engrandece o proprietário tanto quanto um quadro raro no salão”.

O colecionismo está inserido na cultura e na trajetória humana, por isso em cada momento da vida do homem, ele assume diferentes sentidos e significados. Logo compõe um “complexo sistema de funções e finalidades, com implicações cognitivas e

culturais que jamais deixaram de acrescentar qualidades à espécie, em seu desenvolvimento cultural” (MARSHALL, 2005: 14).

Baseando-se em Janeira (2005: 237-238), é apresentada a seguir, uma síntese sistematizada do surgimento e trajetória das diversas modalidades de colecionismo durante a história:

- Quando houve o alargamento do mundo no período clássico (e não a descoberta do chamado novo mundo) houve o colecionismo peripatético³, e ocorria em locais como o *Museion* de Alexandria.
- Mais tarde com as invasões bárbaras e guerras feudais o colecionismo era eclesial, e estava presente em abadias, mosteiros, conventos, dentre outros.
- Com a expansão para o novo mundo o colecionismo era palaciano, e ocorria em espaços reais, como salas e salões. Era um jeito de se ver o que ocorria em terras distantes.
- Com o surgimento da ciência moderna o colecionismo torna-se acadêmico, e seu abrigo passa a ser as academias, universidades, gabinetes e museus. Este fato aliado a classificação dos objetos fizeram surgir também à preocupação com a conservação dos objetos colecionados, pois, muitas coleções se perderam pela destruição natural das coisas, e muitas destas destruições naturais foram agravadas pela má acomodação e conservação dos objetos. Então com o surgimento das ciências modernas, houve a necessidade de novos lugares para a acomodação especializada dos objetos, estes passaram dos gabinetes de curiosidades (onde os objetos das mais variadas classes estavam presentes num mesmo lugar), para os museus de história natural, de arte, de história. Cada objeto vai para seu lugar. Com o surgimento dos museus de história natural nascem preocupações referentes ao método, assim a armazenagem “passa a ser precedida por uma coleta cuidada e a ser seguida por uma coleção melhor preparada e mais sistematizada” (JANEIRA, 2005: 16). Para colecionar tem que primeiro saber coletar.
- Com o liberalismo, as coleções são abertas ao público, é o colecionismo expositivo que ocorre em museus e galerias.

³ Peripatético significa, ensinado ao ar livre.

- E por fim ocorre a democratização das coleções, dando origem ao colecionismo consumista, com a produção maciça e comercial das coleções (imitação de objetos raros). Seu espaço é agora casas e apartamentos de pessoas comuns, colecionando objetos comuns (JANEIRA, 2005).

“Se tentasse fazer o inventário do conteúdo de todos os museus e de todas as coleções particulares mencionando apenas uma vez cada categoria de objetos que aí se encontram um livro grosso não seria o suficiente” (POMIAN, 1997).

Segundo Pomian (1997), uma coleção é “qualquer conjunto de objetos mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas sujeitas a uma proteção especial num local fechado preparado para este fim e exposta ao olhar”. Sendo assim os objetos acabam tendo duas fases em suas vidas, uma antes de serem incorporados em uma coleção, e outra depois de serem colecionados.

Após saber o que significa a palavra coleção, vem a pergunta: quais os motivos que levam uma pessoa a juntar um amontoado de objetos e dedicar um tempo a eles? Talvez um dos motivos seja explicado por Almeida (2001), que ao se referir aos objetos que cercam o homem, afirma que, “o desaparecimento ou a perda desses referenciais seria prejudicial para uma reflexão sobre sua própria existência”. Ou seja, para que o homem se lembre de quem é, e o que foi, é importante estar cercado de objetos que estimulam a memória, pois esta é falha, e se dependêssemos somente dela, muitos feitos humanos cairiam no esquecimento.

Rafael Cardoso (2003), ao analisar o livro “Unpacking my library: a talk about book collecting” de Walter Benjamin, escrito em 1937, diz que segundo este autor o:

“Fenômeno de colecionar é pessoal por excelência. Não somente seria a figura do dono a origem do próprio sentido da coleção, como ainda, os objetos só receberiam o devido cuidado em coleções particulares. É o colecionador quem empresta sua autorização ao objeto, dando-lhe sentido pela ação de resgatá-lo da dispersão e inclui-o em um conjunto”

Assim, o colecionador faz relações entre objetos que talvez só sejam compreensíveis na mente dele, “remete o objeto a uma constelação histórica criada por

ele próprio revelando conexões entre coisas que guardam correspondências” (PERRONE, 2005, p. 86)⁴. Ou seja, o visitante ao entrar numa coleção particular, talvez pense que há uma bagunça, que esteja tudo fora de ordem, porém está tudo organizado para o colecionador, ele fica ligado intimamente com a coleção, como se esta fizesse parte dele, e ele fizesse parte dela.

Na Inglaterra há uma história importante sobre um homem “comum” que formou uma enorme coleção que deu origem a um famoso museu, o Asmolean Museum, este homem é o jardineiro John Tradescant (1570 - 1638). Ele trabalhou em jardins de vários homens importantes e em 1627 foi designado para o cargo de mantenedor dos jardins, Videiras e Bicho-da-seda de Sua Majestade (BLOM, 2003). Enquanto trabalhava junto com seu filho que também se chamava John, organizava sua coleção particular. Pai e filho “deram início à grande empresa cujo próprio nome dá a medida de sua ambição: a arca de Tradescant” (BLOM, 2003: 72). Peter Mundy visitou a Arca de Tradescant e escreveu:

“Lá passamos o dia inteiro; examinando o que ele reunira tais como quadrúpedes, aves, peixes, serpente, vermes, pedras preciosas, e outras armas, moedas, conchas, penas etc. (...) de modo que estou quase convencido que se pode num dia ver e colecionar num lugar mais curiosidades do que se poderia ver numa vida inteira de viagens” (BLOM, 2003: 73).

Em 1638 John Tradescant, o velho, morreu, e seu filho continuou o trabalho do pai. Elias Ashmole, cientista, advogado e colecionador, começou a visitar regularmente a Arca de Tradescant, e se aproximou da família, fazendo Tradescant assinar um documento, passando a coleção para Ashmole. A mulher de Tradescant o fez voltar atrás, e Ashmole

“levou a viúva Hester ao tribunal na chancelaria (...) a questão foi resolvida a seu favor (...) enquanto Hester era enterrada no túmulo da família, Ashmole não perdeu tempo e transferiu a coleção da casa de Tradescant, a começar pelos retratos da família. Mais tarde resolveu modestamente doar a coleção à Universidade de Oxford, onde partes dela ainda podem ser vistas no museu batizado com o nome dele. O

⁴ Perrone faz uma análise dos textos de Walter Benjamin, de maneira que muitas de suas idéias são suscitadas pelas dele. Inclusive ela escreveu que o colecionismo é oposto ao consumismo, este fato é idealizado por Benjamin e também foi citado no texto de Janeira.

Ashmolean Museum deveria, por direito, ser o Tradescantian Museum (...)” (BLOM, 2003: 75).

Sir Hans Sloane (1660 - 1753) se formou em medicina, foi trabalhar na Jamaica onde começou a coletar várias plantas, animais, dentre outros. Sua coleção aumentava a cada dia e durante sua vida o ato de colecionar sofreu uma grande mudança, ele “provavelmente foi o último dos colecionadores universais, um homem que se ergue no vértice da velha tradição de gabinetes de curiosidades e da nova maneira de colecionar cientificamente e da classificação metódica” (BLOM, 2003: 106), que vem a tona com o surgimento do Iluminismo e das academias. Coleções como a de Sloane (que gerou o British Museum, em Londres) ou a de Athanasius Kircher (em Roma) “expressavam, sobretudo um propósito científico, de finalidade documental e analítica. São os predecessores do moderno museu científico, a ponte entre Alexandria e as universidades modernas (do século XIX ao atual)” (MARSHALL, 2005 :19).

Pode-se supor que é a coleção que dá origem aos museus. Desde a pré-história, o homem reúne ao seu redor objetos, fruto do “instinto de posse” (GIRAUDY & BOUILHET, 1990: 19). E muitas vezes o homem adquire o gosto por coleções durante sua infância e adolescência, “justificada pela necessidade de classificar o mundo exterior, compensando por vezes, um vazio afetivo ou um sentimento de insegurança” (*op.cit.* 21).

Os objetos mais estranhos e inesperados, que muitas vezes não despertam o mínimo de interesse da população em geral, acabam fazendo parte de alguma coleção particular, ou fazendo parte do acervo de algum museu (POMIAN, 1997). Há coleções espalhadas pelo mundo inteiro, dentro e fora de museus. Antes de pertencerem a uma coleção, os objetos tinham uma utilidade, e agora já não tem mais. A utilidade dos objetos dentro de uma coleção parece ser banida, a sua função agora é a de ser “olhada”:

“As fechaduras e as chaves que não fecham nem abrem porta alguma, as máquinas que não produzem nada, os relógios de que ninguém espera a hora exata, as locomotivas e os vagões não transportam viajantes nem mercadorias, as espadas, os canhões não servem para matar” (*op.cit.* 51).

Mesmo não tendo mais utilidade, os objetos são cercados de cuidados, são tocados o mínimo possível, são guardados em lugares específicos de acordo com seu tamanho, forma e material. O dono de uma coleção dedica um tempo especial para os cuidados dela. O fato de possuir uma coleção “confere prestígio enquanto testemunham o gosto de quem as adquiriu, ou ainda a sua riqueza ou generosidade, ou todas estas qualidades conjuntamente” (*idem*: 54). Estes fatores estão ligados às relações de poder entre o colecionador, coleção e o público destas coleções.

É possível perceber que as coleções foram a origem de muitos museus espalhados pelo mundo, e muitas destas coleções eram de caráter particular. Por isso relações entre memória e poder devem estar presentes no mundo do colecionismo e inseridas dentro dos museus. Estes serão assuntos desenvolvidos nos próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: Museu, colecionismo e poder

Os museus, na sua origem mitológica já eram sinônimos de poder, pois as musas, filhas de Zeus – que representa o poder e é o mais poderoso Deus do Olímpo – e filhas de Mnemózyne – que é a memória – são fruto da união da memória com o poder. Musas-Museion-Museu. O poder do não esquecimento, de guardar na memória aquilo que se quer guardar. Por isso este capítulo tratará de relacionar a história dos museus, com o colecionismo e a idéia de poder. Será apresentado ainda, um breve panorama histórico do surgimento e desenvolvimento dos museus, apontando as implicações do fenômeno do colecionismo neste quadro. Será analisada por fim, a intrínseca relação das instituições museológicas com as demandas específicas de poder

2.1 –Museus: breve história:

Hoje o museu é definido segundo as nações unidas como “uma instituição que coleta, documenta, preserva, exhibe e interpreta evidências materiais e informações associadas para o benefício do público”. Porém, para chegar ao seu conceito atual ele passou por muitas mudanças.

Quando falamos em história e origem dos museus, devemos nos remeter à duas instituições: a *Pinakothek* e o *Museion*. Neste se “guardavam os conhecimentos da humanidade”, já a *Pinakothek* se aproxima mais do conceito de museu de hoje. Pois “era o lugar onde se conservavam os estandartes, os quadros, as tábuas, as obras de arte antiga” (VARINE-BOHAN, 1979).

Porém, a palavra museu é derivada do grego *museion*, este era o nome do templo situado na cidade de Atenas, em homenagem às musas. Elas eram as nove filhas de Zeus com Mnemózyne. E cada uma delas está relacionada com algum conhecimento.

Calíope (poesia)

Clio (história)

Polimnia (pantomima)

Euterpe (música)

Terpsicore (dança e poesia musicada)

Érata (lírica, coral)

Melpómene (tragédia)

Tália (comédia)

Urânia (astronomia e/ou matemática)

A palavra museu, talvez seja originada do *museion* porque algumas pessoas deixavam ex-votos nos templos como forma de agradecimento, então houve o acúmulo de objetos, e alguns “turistas” iam visitar esses locais e ver os objetos lá deixados (ALMEIDA, 2006). No século III a.c, a termo *museion* também designava um conjunto de edifícios que foi construído por Ptolomeu Filadelfo em Alexandria. Nesses edifícios estavam presentes uma biblioteca, um anfiteatro, um jardim botânico, salas de trabalho e de estudo, um observatório e uma coleção zoológica.

A partir dos saques de Siracusa (212 a.c) e de Corinto (146 a.c) os romanos iam guardando os objetos saqueados e acabaram por desenvolver o costume de colecionar. Durante o Renascimento, em Florença os Médici expressaram a paixão pela coleção de obras de arte. Um antiquário foi fundado e aberto ao público no Capitólio em Roma, pelo Papa Sisto IV, em 1471. No século XVII, os tesouros acumulados por Fernando de Habsburgo, Rodolfo II e Leopoldo Guilherme, foram transferidos para o Palácio do Belvedere em Viena e abertos ao público em 1783 pelo imperador José II.

Com o desenvolvimento do nacionalismo, a idéia que surge é que as riquezas da coroa não deveriam ser propriedades isoladas e sim deviam pertencer ao povo. Surge assim, a idéia de patrimônio⁵ (GIRAUDY & BOUILHET, 1990). A partir de 1792, com o advento da Revolução Francesa, os objetos da nobreza passam a pertencer ao Estado, fato que contribuiu para a transformação do Louvre⁶ em museu no ano de 1793, tendo como objetivo principal instruir a Nação, difundindo o civismo e a história. (CARLAN, 2008). Napoleão Bonaparte pode ser considerado um colecionador e fez aumentar rapidamente a coleção do museu do Louvre, pois “em seus tratados de paz, obrigava os vencidos a entregar grandes quantidades de obras de arte” (ROJAS, 1979: 28-29). A partir daí, varias coleções particulares passaram a integrar o acervo de museus públicos. Abaixo está alguns museus que tiveram sua origem em de coleções particulares:

⁵ Patrimônio nos termos do dicionário é entendido como herança paterna, porém não é uma herança deixada de pai para filho e sim da nação para a população. Ou seja, é aquilo que é pertencente a **todos**.

⁶Moradia da nobreza da França.

- Rijksmuseum (Amsterdã): É o Museu Real dos Países Baixos e está instalado na cidade de Amsterdã. Foi fundado por Luis Bonaparte em 1808 a partir das coleções artísticas da casa real de Orange.
- Gliptoteca Ny Carlsberg (Copenhague): É o museu mais importante da Dinamarca, constituído pelas coleções pessoais do mecenas Carl Jacobsen (1842-1914); suas obras foram reunidas a partir de 1882 e colocadas num edifício de sua propriedade. Em 1888 ele doou este museu ao país e construiu-se então o atual edifício.
- Museu ou galeria dos Uffizi (Florença): Importante museu italiano situado em Florença no chamado Palácio dos Uffizi. Nele reuniram os Médici a maior parte de suas valiosas coleções artísticas ao Estado em 1737.
- National Gallery (Londres): Fundada em 1824, a parte mais antiga de seu acervo foi composta principalmente com as coleções de J.J. Angertein, de Sir George Beaumont e do reverendo W. Holwell Carr. Mais tarde colaboraram decisivamente para o enriquecimento da Galeria as enormes reservas de coleções particulares dispersas pelo país, integradas no museu como doações, legados ou simples compra.
- Tate Gallery (Londres): Foi fundada em 1897 com a doação inicial de Henry Tate, proprietário de uma coleção selecionada de arte moderna.
- Museu do Prado (Madri): Principal museu de pintura da Espanha, situado em Madri. Inaugurado em 1820 (...) foi enriquecido seu patrimônio com diversas doações, entre as quais se devem destacar as do barão de Erlanger, o legado da duquesa de Pastrana, e as doações de Ramón Errazu.
- Pinacoteca Antiga de Arte (Munique): Importante museu da República Federal da Alemanha. O acervo inicial provem da época do arquiduque Guilherme IV (1508-1550), com as coleções da família Wittelsbach.
- Galeria Nacional de Arte (Washington): Importante museu dos Estados Unidos, criado em 1937 com a doação feita pelo político Andrew Mellon ao país de sua coleção de obras de arte e também do local para sua exposição. Foi aberto ao público em 1941.

No século XVIII, foram construídos os primeiros museus, porém eles eram restritos a certo tipo de público. A abertura definitivamente a todos os públicos ocorreu nos séculos XIX e XX. A partir de então, a coleção dentro dos museus não é justificada mais pela sua simples existência, assumindo assim, uma “responsabilidade educativa” (GIRAUDY & BOUILHET, 1990). Com o iluminismo, surge a idéia de difusão do conhecimento, considerado como libertador do homem. Com a necessidade de ensinar, os museus assumem um papel pedagógico, os objetos tende a ser organizados para poder fomentar pesquisa e a gerar conhecimento. As coleções então, começam a se especializar, e também passam a ser abertas ao público em geral, uma vez que, fechadas, são dependentes da vontade do seu dono, e só irão gerar conhecimento segundo os seus interesses particulares.

A título de enquadramento sintético e sistematizado acerca do desenvolvimento histórico dos museus no ocidente moderno, em suas relações com perspectivas e interesses de poder, Rafael Cardoso (2003) propõe quatro matrizes gerais:

- Primeira matriz: eram as coleções principescas que transmitiam a idéia do poder do soberano. Uma tentativa de mostrar seu glorioso passado e sua riqueza.
- Segunda matriz: eram os gabinetes de curiosidades que transmitiam a idéia do poder através do conhecimento e a identidade do explorador.
- Terceira matriz: são as coleções nacionais que transmite o poder do estado.
- Quarta matriz: são os museus filantrópicos que transmitem a riqueza e a cultura do colecionador.

2.2 – Objeto musealizado e a idéia de poder:

O colecionismo teve seu auge na época dos gabinetes de curiosidades e estes surgiram “como lugares de memória por excelência, não uma simples memória enciclopedista, mas uma memória que amplia a sensação de poder, de conhecimento, de pertencimento” (POSSAS, 2005: 151). O pertencimento se dá pela presença dos objetos, pois se dependesse somente da memória, talvez não se tivesse a certeza de que “algo” realmente existiu, pois esta é vaga e confusa. Já com o os objetos à vista, a

sensação é que o passado está presente, que pertencemos a uma cultura material⁷, a uma sociedade. Por isso a sensação de pertencimento é possibilitada através da presença de objetos musealizados (Chagas, 2006).

As coleções estabelecem relações entre dois mundos: o visível e o invisível (POMIAN, 1997), ou seja, entre o passado e presente, aquilo que existe e o que já não existe mais, memória e esquecimento. Os objetos, mesmo nos remetendo ao passado apresentam novas verdades, pois passado e presente não são independentes (SANTOS, 1992) e sim estão em uma trajetória contínua em que a cada passo adquirimos conhecimentos capazes de olhar o passado com outros olhos, outros sentimentos, outras lembranças. Ao falar de memória e conflitos com o passado é importante apresentar a perspectiva do teórico Halbwachs (1990), que acredita que: “através da memória não é possível viver o passado e sim reconstruí-lo com dados emprestados do presente”.

A preservação pode ser justificada pela perda da memória, pela ameaça do esquecimento. Nessa perspectiva está envolvida uma força chamada poder e ele é o promotor de memória e esquecimento, pois, a memória sempre é seletiva e é este o caráter que indica tal relação. No museu, memória e poder sempre “dançam juntos”

“Dirigir-se ao passado, sem nenhuma perspectiva de mudança, implica a comemoração da ordem estabelecida, a afirmação da ordem jurídica, dos valores culturais dados, da verdade científica imposta, a repetição do conhecimento” (CHAGAS, 2002).

Para muitas pessoas, o que tem dentro dos museus são coisas velhas, que ninguém mais quer usar, ou que não servem para nada. Porém para muitos, dentro destas instituições há verdadeiros tesouros, e esta palavra “evoca uma complexidade imensa de realidades, de sensações e de lembranças, para uns, será remetida ao escondido, para outros, ao longínquo, para todos ao valioso” (JANEIRA, 2005: 235). E tal idéia de valor é produzida socialmente, por um grupo de pessoas, uma atitude coletiva. O ouro, por exemplo, é valioso porque um grupo de pessoas disse que é e defendeu essa idéia que foi aceita pelos demais membros da sociedade, e assim também ocorre nos museus, um grupo de pessoas decide o que vai ou não entrar no museu, o que é digno de ser passado adiante, ou seja, o que é valioso para ser guardado na memória, o objeto que vai ser musealizado e o que pode ser esquecido, que é descartado.

⁷ Cultura material nos termos do dicionário é entendida como objetos fruto da produção humana.

“Intenções e atitudes de poder” poderiam ser identificadas no horizonte das coleções particulares e também em museus. Sua presença dentro dos museus americanos está presente desde a colonização, afinal os europeus queriam “domesticar a natureza selvagem e explicá-la nos dioramas e vitrines no museu, no centro da cidade”, e assim representar o conhecimento e o controle da natureza “no Velho e no Novo Mundo!” (MARSHALL, 2005: 20). Tal realidade denota o interesse em se afirmar, perante outras nações, poderosos pelas suas coleções.

“Entra-se no British Museum e logo se vê, mais do que maravilhas da cultura universal, sobretudo o que foi o Império Britânico, e seu afã colecionista. Este museu é uma imagem de glória. Convertido em ícone nacional, disputa prestígio com os grandes museus de outras nações ricas (...). Junto com moeda, bandeira, fronteira e hino, os grandes museus são também poderosas ferramentas do nacionalismo moderno, o que os habilita também a refletir, em suas coleções, a história social de nações e de mundo” (MARSHALL.2005 : 19).

Em decorrência da vinda da família real para o Brasil, foram criadas várias instituições como, o Horto Real de Aclimação (1908), a Biblioteca Real (1810), a Academia Real de Ciências, Artes e Ofícios (1816) e o Museu Real (1818), que de certa forma contribuíram para a formação cultural da colônia, assim como novas relações de poder e novos olhares sobre a história, formando uma “memória imposta”, ou seja, aquilo que era visto dentro destas instituições era tido como verdadeiro (CHAGAS, 2006). Nota-se a relação de poder entre as instituições museológicas e o Estado perante a imposição do saber que deveria ser adquirido pelos visitantes. Até porque na época que foram criadas as instituições acima citadas, o número de analfabetos era grande, portanto o público tinha poucas condições de questionar ou refletir criticamente sobre o que estava sendo transmitido a eles. O visitante recebe uma informação e a incorpora em sua memória. Isto é claro, se os analfabetos pudessem visitar esses lugares pois a princípio, essas instituições apesar de públicas eram restritas a determinado tipo de visitantes.

“A instituição criada não está orientada para negros, índios e mestiços. Ela destina-se à qualificação da coroa portuguesa junto às outras nações; mas também atende aos interesses da aristocracia lusobrasileira, dos homens ricos, as famílias abastadas, do clero, dos artistas, dos cientistas, dos viajantes e paradoxalmente contribui para a formação de uma elite ilustrada ao nível local. Para estes indivíduos é

que a instituição de memória funciona como dispositivo de poder disciplinar, indicando o que se pode lembrar e esquecer, o que se pode e como se pode dizer e fazer. Em outros termos: museus, bibliotecas, arquivos, institutos e academias são espelhos e palcos que encenam a dramaturgia da sociedade a que se referem e que ao articularem um determinado discurso, também condicionam o olhar e aprisionam o entendimento, a ciência e a arte” (CHAGAS, 1994).

O próprio “ritual” de não tocar nos objetos dentro dos museu, além do aspecto da conservação, também está vinculado à sua origem no templo das musas, pois como eram templo dedicados a uma divindade, os objetos lá encontrados eram oferendas logo, “subtraí-lo, deslocá-lo ou desviá-lo do seu uso ou apenas tocá-lo são atos sacrílegos” (POMIAN, 1997: 56). Essas condições poderiam ter transmitido aos colecionadores a idéia de que suas coleções eram preciosas. Através de seus objetos, o colecionador se sente poderoso, “ele quer ter tudo, e demonstrar-se o mais poderoso pela opulência de sua coleção (...) colecionar é poder” (MARSHALL, 2005: 20). A figura do colecionador, desde época do Renascimento, é confundida com a do burguês, pois é tido como uma pessoa que tem dinheiro, logo por ter a possibilidade de comprar objetos muitas vezes raros, também é visto como uma pessoa que tem dinheiro – poder. “quanto maior a coleção, maior o poder do colecionador” (OLIVEIRA, 2005: 113).

As coleções estão intimamente ligadas, não só com o poder, mas também com a memória, pois através dela pode-se recordar de uma maneira que se sustenta determinada realidade instituída. Por meio das coleções, pode-se pretensamente “ver” o passado como realmente é. E a memória é ditada pelo poder que o colecionador tem sobre seus objetos, pois uma coleção é um “recorte montado”, uma vez que se escolhe a ordem e o conjunto de objetos que integram a coleção. “O próprio ato de colecionar é decisivo, pois o objeto é separado de todas as suas funções originárias” (PERRONE, 2005: 85-86). Logo, é o colecionador que tem o poder da escolha, seleciona e classifica os objetos que irão integrar sua coleção.

“A escolha do objeto a ser colecionado, o corte efetuado num universo complexo e múltiplo (objetos específicos de uma determinada região ou de um determinado tamanho ou material etc.), o suporte e o material para o acondicionamento e exposição da coleção ou a forma como o objeto foi adquirido pelo colecionar (doação, aquisição ou presente) são elementos diversos e coexistentes no colecionismo” (OLIVEIRA, 2005: 117).

O poder dentro do colecionismo pode ser entendido de diferentes formas, pode ser entendido como “o poder do saber” – tenho vários objetos e aprendo com eles, e por saber mais que você sou mais poderoso. Também pode ser relacionado com o “poder da riqueza” e do prestígio – se tenho vários objetos é porque tenho condições de comprar, e me sinto poderoso por ter condições e prestígio frente à sociedade. E ainda dentro do mundo das coleções há o poder da escolha – é o colecionador quem escolhe e classifica os objetos que integrarão sua coleção, assim como nos museus também há essa escolha de quais objetos integrarão seu acervo. Desta maneira, no próximo capítulo será analisado se estas relações de poder estão presentes também dentro dos museus pelotenses, e se os colecionadores se sentem “poderosos” em posse de suas coleções.

CAPÍTULO 3: Relações de poder e memória nos museus pelotenses

Em Pelotas há vários museus dos mais variados estilos, há museus históricos, de arte, e de ciência, além disso, há uma busca de preservação patrimonial que é visualizada no restauro de casas antigas e históricas. Por isso este capítulo tratará de, em primeiro lugar, fazer um breve resumo da história da cidade para perceber porque a busca pela preservação da memória é tão acentuada, e em seguida, analisar duas instituições onde é marcante a presença de colecionadores particulares: Museu Municipal Parque da Baronesa e a colecionadora Antonia de Oliveira Sampaio, e Museu Farmacêutico Moura e o colecionador José Gilberto Moura.

3.1 Pelotas e seus museus:

Após a expulsão definitiva dos espanhóis do Rio Grande do Sul, em 1776, estancieiros e outras pessoas que ajudaram a formar Pelotas se espalharam pelas margens da Lagoa Mirim, Rio São Gonçalo, arroio Pelotas. Eles se estabeleceram através das sesmarias, formando grandes latifúndios. Assim, com o advento das charqueadas, que era baseada no trabalho escravo, ocorreu à urbanização por volta de 1780, com grande crescimento populacional. Primeiramente era conhecida como Freguesia São Francisco de Paula, atingindo a condição de vila, e em 1835, a de cidade, já com o nome Pelotas. A indústria do charque alcança seu auge entre 1860 e 1890.

“Este período é de extrema opulência para a cidade, há um refinamento no trajar, nos hábitos, nas moradias e na cultura da elite, influenciada que estava pelas suas viagens à Europa. Os charqueadores, muito enriquecidos pelo êxito de sua economia, construíram no meio urbano lindos casarões, espaçosos e luxuosos [...] nessa época Pelotas chamava a atenção de toda a Província e era muito grande o orgulho pelotense por sua cidade, tornando-se popular, principalmente na década de 1880, a expressão “Princesa do Sul” para denominá-la” (MAGALHÃES, 1993: 124).

Esse orgulho pela cidade de Pelotas persiste de certa forma até a atualidade e é representado através dos museus, que guardam um pouco da memória da cidade. Pelotas

tem 323 mil habitantes⁸ e 20 museus cadastrados no Sistema Municipal de Museus 2009 – um indicador significativo em proporção ao número de habitantes. Os museus pelotenses são:

1. Casa Museu Estância do Laranjal: é uma casa-museu, que é em estilo colonial de 1758, e pertenceu ao Cel. Thomaz Luiz Osório.
2. Instituto João Simões Lopes Neto: instalado na casa que pertenceu a João Simões Lopes Neto, abriga um acervo que retrata a vida e obra do maior regionalista brasileiro. Também funciona como centro cultural.
3. Laboratório de ensino e pesquisa em antropologia e arqueologia (LEPAARQ): pertence à Universidade Federal de Pelotas, e desenvolve pesquisas ligadas a arqueologia local. Possui um grande acervo arqueológico, que são provenientes de escavações ou doações.
4. Memorial Theatro Sete de Abril: está instalado em um anexo do teatro de mesmo nome, e conta a história desta instituição que é uma das mais antigas de Pelotas.
5. Museu Colégio Municipal Pelotense: foi criado em 2005, e seu acervo trata da história dessa instituição que é centenária.
6. Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG): também pertence à UFPel, foi inaugurado em 1986, contando com um grande acervo que retrata a produção do pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo. Também há exposições temporárias de artistas selecionados através de editais.
7. Museu de História Natural Carlos Ritter: há um grande acervo de objetos de história natural, de origem zoológica, botânica, e paleontológica.
8. Museu do Charque: está instalado na Charqueada Santa Rita, e relata a história do charque.
9. Museu do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório: foi criado em 1998, e conta a história dos atividades e costumes gaúchos.
10. Museu e espaço cultural do Saneamento: conta a história do saneamento da cidade de Pelotas.

⁸ Dado retirado do site: http://www.pelotas.com.br/cidade_dados/pelotas_dados.htm, acessado 01/06/2010

11. Museu Etnográfico da Colônia Maciel: trabalha a memória da imigração italiana na zona rural de Pelotas.
12. Museu Gruppelli conta a história da imigração italiana e alemã, na zona rural de Pelotas.
13. Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense: há objetos relacionados com a história da região sul do país.
14. Museu Municipal Parque da Baronesa: seu acervo retrata os costumes e a história da sociedade pelotense entre 1860 e início do século XX.
15. Instituto Nacional Brasileiro Senador Joaquim Augusto Assumpção (IMBRAJA): está localizado na antiga Granja Santa Helena, abriga o Museu Histórico Helena Assumpção de Assumpção, o memorial da Praia do Laranjal Arthur Augusto de Assumpção, e o Museu de Arte Sacra João Paulo II.
16. Charqueada São João: preserva a história dos estancieiros, donos da charqueada, assim como a mobília e a arquitetura da época do charque.
17. Memorial Farmácia Natura: (atual Museu Farmacêutico Moura) há peças do ramo farmacêutico, e retrata a história das farmácias e laboratórios farmacêuticos de Pelotas e da região.
18. Charqueada Santa Rita: abriga o Museu do Charque e retrata a vida e os costumes dos charqueadores e estancieiros. Também serve de pousada.
19. Memorial dos Ex-Prefeitos: Retrata a memória administrativa do Paço Municipal, através de objetos, documentos e fotografias.
20. Museu de História Natural da UCPEL: foi criado em 1997, há acervo científico e didático.

Dentre esses museus, vários tiveram origem em coleções particulares, como por exemplo, o Museu de História Natural Carlos Ritter, mas para fins de realização deste trabalho optou-se por analisar dois museus, o Museu Municipal Parque da Baronesa (que é um museu municipal e é o mais conhecido da cidade) e o Museu Farmacêutico Moura, que é de iniciativa privada, tendo apenas um pouco mais de um ano de existências. Ambas as instituições são fortemente influenciadas pela figura do “coleccionador”.

3.2 Museu Municipal Parque da Baronesa

O coronel Aníbal Antunes Maciel deu de presente o terreno onde se encontra hoje o Museu Municipal Parque da Baronesa para seu filho, o Barão dos Três Serros, por conta de seu casamento que ocorreu em 1864 com Amélia Hartley de Brito. O Barão era charqueador e recebeu este título do Imperador D. Pedro II, por ter participado do ato que emancipou os escravos de Pelotas em 1884. Foi a família Antunes Maciel que construiu o belíssimo prédio onde se encontra hoje o Museu, onde anteriormente havia apenas uma pequena casa. Com a morte do Barão, em 1887, a Baronesa ficava a maior parte de seu tempo no Rio de Janeiro. Uma das filhas do casal, Amélia Aníbal Hartley Maciel, casada com seu primo Lourival Antunes Maciel, continuou habitando o Solar. A última moradora da casa foi Déa Antunes Maciel, ela foi morar definitivamente no Rio de Janeiro, na década de 1970, e a chácara (como era conhecida a casa) começou a ficar abandonada, e em 1978 a família doou a casa ao município de Pelotas.

O Museu da Baronesa é o único museu municipal da cidade, e foi inaugurado em 1982, tendo como objetivo contar um pouco dos costumes da cidade de Pelotas do final do século XIX e início do século XX. É conhecido como um dos importantes lugares de preservação da memória da cidade de Pelotas. Ele conta essa história através de seus objetos e do ambiente – o tamanho da casa, sua arquitetura e tudo o que compõe o extenso parque, representam a forma de vida das famílias pertencentes à elite sócio-econômica desse período. Nele há diferentes tipos de objetos: móveis, vestimentas, acessórios de vestuário, objetos de uso cotidiano, de decoração, que são frutos de coleções da família Antunes Maciel, Adail Bento Costa, Antonia Sampaio, e também, de doações diversas.

Em frente ao museu há uma placa de inauguração, de autoria do prefeito Irajá Andara Rodrigues, na qual se lê a seguinte frase: “aqui a poesia se encontra com a história, para compor um hino à eterna Pelotas”. Logo a idéia inicial do museu seria a de que ele deveria expressar a história da cidade. Porém essa “cidade” não é representada em sua plenitude, pois a idéia que a exposição de longa duração do museu passa é de uma sociedade rica, sem a presença de desigualdades sociais.

Em uma sociedade, assim como em qualquer relacionamento entre humanos, há relações de poder, um sempre deve obedecer o outro, (sendo que a desobediência também segue esse relacionamento, pois é uma recusa do poder). Vários teóricos no mundo inteiro trataram de situações de poder, entre eles Foucault, que diz:

“O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provem de todos os lugares. O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1997: 89).

Desta maneira, a relação de poder e memória entre colecionador e coleção presente no Museu Municipal Parque da Baronesa, é analisada através das narrativas da diretora do museu Annelise Montone e da colecionadora Antonia de Oliveira Sampaio, mais conhecida como Antoninha, que é uma das principais colecionadoras do museu e a única que ainda está viva. Tomamos como base para análise também, a dissertação de mestrado da professora Noris Leal, que entrevistou Antoninha em 2004.

Noris Leal em sua dissertação, “Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal – 1982 a 2004”, dividiu a história do museu em três períodos, sendo o primeiro de 1982-1988, onde aparece a figura de Antoninha Berchon⁹ “influenciando os rumos da filosofia da instituição” (LEAL, 2004:17). O segundo período vai de 1988 a 2000, quando “o museu assumiu a identidade de museu de costumes baseado no projeto de Antonia Berchon”. E o terceiro período, que vai até 2004, quando surgiu um “enfrentamento com a associação de amigos que manifestou uma intenção de mudança de exposição e da filosofia do museu” (op.cit.). Dessa maneira, na visão de Leal (2004), o museu está dividido na relação de poder que uma colecionadora exerce, influenciando-o. O primeiro é quando ela (Antoninha) aparece, o segundo é quando ela assume a postura de maior poder na instituição e o terceiro é quando há um conflito, isto é uma tentativa de fugir da “dominação” da colecionadora.

Antonia de Oliveira Sampaio é uma colecionadora que tem emprestado ao MMPB 317 objetos, sendo 200, como acervo e 117 como material de apoio. Ela é uma pessoa que mantém relação afetiva com seus objetos, principalmente com “as roupas infantis, os vestidos do século XIX (dando muita importância a quem pertenceram)”

⁹ Nome de solteira de Antoninha

(MONTONE, 2010). Esse apego pelos objetos pode ser porque, segundo Halbwachs (1990: 28), eles

“corrigem e reorientam as nossas lembranças, ao mesmo tempo em que se incorporam a ela [...] se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem empresar a estas substancias, é que nossa memória não é uma tabula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos que nos devolveria a imagem do passado.”

Annelise Costa Montone assumiu a direção do museu em janeiro de 2004, neste ano Antonia de Oliveira Sampaio não frequentou o museu, pois estava doente, então Annelise conheceu a Antoninha em 2005, onde a colecionadora foi eleita presidente de honra da Associação de amigos - AMBAR. Em relação ao comportamento de Antoninha perante o museu Annelise acredita que é uma reação

“de quem se dedicou muito a um local, inclusive proporcionando melhorias com recursos financeiros próprios. Houve espaço (foi dado espaço) para que ela organizasse os ambientes do museu, segundo seus critérios (por visitas feitas a museus no exterior, pelo gosto próprio pela “decoração”, etc.)” (MONTONE, 2010).

A diretora do museu afirma que existe uma negociação quando a colecionadora “decide” emprestar um objeto ao museu: “a sua idéia é que os espaços fiquem com ‘jeito de casa’, que pareça que ‘os moradores da casa recém deixaram um livro ou uma xícara de chá na mesa de apoio’” (op.cit.). Porém, nunca houve uma recusa dos objetos que ela trás, talvez seja porque apesar de já existir, ainda não foi assinado o termo de comodato. Isto significa que, no momento em que Antoninha decidir pegar todos os seus objetos de volta, ela pode, pois não há um termo de compromisso em que se estabeleça um período para que os objetos fiquem sob a guarda do museu.

Antoninha não é apenas uma guardiã da memória da família, ela “avança em suas atividades e passa, também, a ser a guardiã da memória da cidade através do domínio da conservação do patrimônio edificado da cidade e o museu”.

“a sua vontade por muito tempo é que prevalece, não respeita para manter aquilo que acredita ser a história da cidade, passa por cima da

vontade de muitos proprietários das casa e instituições de patrimônio entre outros” (LEAL, 2004: 59:67).

Logo, na visão de Leal, Antoninha é uma pessoa autoritária, e para Montone também: “ela é autoritária, mas o poder de decisão dentro do museu é da direção e da Secretaria de Cultura. Agora ela vem muito pouco ao museu, pois está com dificuldades para caminhar e tem mais de noventa anos”. O poder de decisão pode até ser da direção do museu, mas há algumas vitrines, por exemplo, feitas com o dinheiro de Antoninha para expor camisolas, e que no momento estão sendo utilizadas para uma exposição de leques restaurados. Logo, foi a direção do museu que decidiu retirar para a reserva técnica as camisolas e expor os leques, mas como a colecionadora e dona das vitrines, não aceita essa troca, a direção do museu tem de lhe dar explicações, e convencê-la de que aquele ato é importante para o museu, e falar que depois as camisolas voltarão para seus lugares.

“as vitrines da sala que antecede o Quarto de Déa foram confeccionadas em 2005/2006 (por sugestão e solicitação da administração do museu, acatada por Dona Antoninha), com o intuito de expor peças de cama e roupas íntimas do século XIX. Como estamos utilizando as vitrines para as exposições de curta duração, sempre temos que explicar porque as peças não estão ali e onde estão. Outra vitrine, mais antiga, foi feita especialmente para expor duas batas e lenços de luto da Baronesa de Pinto Lima. Alteramos por um período e fica difícil para que ela entenda algumas necessidades do espaço expositivo, assim como do próprio acervo, que não pode ficar exposto indefinidamente” (MONTONE, 2010).

Já na narrativa de Antoninha (2010), é possível perceber o seu apego pelo museu e pelos objetos que lá estão presentes, porém ela mostra certa decepção com o fato acima narrado por Montone:

“O nosso museu aqui eu trabalhei muito para ele, mas é muito difícil. Eu tenho muito muitos conhecimentos em São Paulo e eles são muito generosos, eles me deram muita coisa, então eu trouxe tudo para cá e arrumei, mas eles tiraram tudo que eu trouxe. Eu arrumei o museu, ele tava muito coitadinho, não tinha muita coisa.....ficou muito bonito. Ai! Nem gosto de falar nisso, tiraram tudo, pessoas muito sem cultura, que não gostam do que é bonito, do que é caro. As vitrines eu mandei fazer de vidro que era para poder se ver a beleza dos bordados dos tecidos, dos lençóis da baronesa que eu consegui, tiraram tudo. Eu dei muito dinheiro meu, porque aquilo dali foi eu quem

paguei, o que eu pude pagar eu pagava, é muito difícil a gente fazer o que a gente quer, eu fiz o que eu pude.”

Quando criança, Antonia não colecionava pois segundo ela, sua infância foi muito difícil, pois ficou órfã quando bebê, e suas avós eram muito idosas para cuidar dela, então foi criada pelo avô Edmond Berchon. Na entrevista foi possível perceber os deslizes da memória, pois ela sempre se referia como se estivesse no passado, e fala de seus antepassados com muito carinho, como se todos tivessem sido “perfeitos”.

Quando foi explicado o motivo da entrevista e o tema do trabalho, a primeira frase que Antoninha falou foi: “eu acho o Rio Grande o melhor lugar para se viver, tanto que agora eu podia morar onde quisesse, até na Europa, mas eu quis voltar para Pelotas”. Aqui ela já mostrou a sua posição econômica, quando diz que “poderia morar em qualquer lugar”, e claro, mostra o seu apego pela cidade, demonstrando na sequência, que ajudou o museu porque sabe como fazer: “Eu viajei muito, visitei muitos museus... a gente depois vai ficando sabida das coisas todas...dos museus.” Além de deixar claro, porém de forma implícita, que é uma pessoa inteligente ao dizer que: “eu tenho sangue Francês, e eles são muito inteligentes e amam o que é belo”. Ou seja, ela quis dizer que é uma pessoa inteligente e ama o que é belo.

Este é o perfil da colecionadora que mais influenciou na administração do Museu da Baronesa, uma pessoa que sempre teve muito dinheiro, que trabalhou muito para isso, pois segundo ela, acordava às 4 horas da manhã para administrar a estância. Ficou viúva cedo, criou 3 filhas, viajou o mundo, tem apego por objetos caros e luxuosos, principalmente os que pertenceram a nobreza, ou a pessoas importantes. Sua casa é como um anexo do museu, pois este retrata os costumes do final do século XIX e início do século XX. A casa de Antoninha é praticamente quase toda composta por móveis e objetos desta época. Ou seja, ela coleciona objetos ligados a sua posição social e de seus familiares, que dão a idéia de que eles ainda estariam “vivos”. É a relação entre o visível e o invisível.

“Eu coleciono objetos da família, guardei muita coisa, fiz um armário lá na gruta, e ali eu coleciono louças antigas da França... hoje em dia eu coleciono muita coisa e sempre tive muito amor por isso, e sempre fiz o que pude. Meu avô era cirurgião e salvava muita gente, então ele ganhava muitos presentes, ele ganhou um arreio todo de prata de uma pessoa

que ele salvou, e eu guardei, então assim a gente vai colecionando...” (SAMPAIO, 2010)

3.3 Museu Farmacêutico Moura

O Museu Farmacêutico Moura (MFM) foi inaugurado em março de 2009, seu acervo primeiramente era constituído somente de objetos vindos da coleção particular do proprietário do museu. Em termos de comparação, o MMPB, é uma instituição pública, com a presença marcante de uma colecionadora, que por ter emprestado ao museu centenas de objetos se sente “dona” dele. Já no Museu Farmacêutico Moura, o caso é diferente, pois o colecionador é realmente o dono do museu, ele sozinho o constituiu.

“A primeira coleção que me atraiu foi de figurinha de álbum, evidentemente, depois as coleções de carrinhos, depois as coleções de selo, depois a coleções de moedas, então na verdade, a coleção para mim é uma coisa que faz parte da minha vida. Em cada fase há alguma coisa a ser colecionada” (MOURA, 2010).

José Gilberto Peres de Moura é farmacêutico, historiador e geógrafo, que admite que sempre valorizou a cultura humanística, e apesar de exercer somente a profissão de farmacêutico, não abandonou a paixão que tinha pela história. O curso de história segundo ele “o contaminou”, então em todas as viagens que fazia, (já formado em farmácia) sempre que via algo referente à profissão, comprava.

“Então eu comecei a colecionar embalagens de medicamentos, fotos de farmácias, documentos relativos à história da farmácia. (...) Fui juntando, fui juntando e pra desespero da minha mulher eu ia juntando essa peças na garagem. Tem gente que bota automóvel na garagem, eu botava um museu na garagem. Então aquilo tudo encaixotado, mas aquilo não era um museu, era uma coleção porque não tinha nada adaptado” (*op.cit.*).

Desta maneira, quando a farmácia completou 25 anos, ele e sua esposa resolveram, para comemorar essa data, abrir seu museu. Então quando foi contar seus objetos encaixotados na garagem descobriu que já tinha mais de 3000 peças.

“três mil peças já é mais que muito museu, até os da federal né! Então bah, tche! Vamos fazer um museu. Começamos a fazer o museu que no início chamamos de Memorial Natura, porque imaginava eu, contar a história da Farmácia Natura pra comunidade né! E eu queria falar um pouco de Pelotas também, e a gente começou com o memorial. A repercussão foi fantástica, a população adorou, as visitas começaram, as doações começaram e de repente a coisa escapa da minha mão, o que antes era um projeto meu, que era a minha coleção depois de ter recebido 600 doações eu achei que o museu deixou de ser meu. Hoje é da comunidade” (*idem*).

O memorial, a princípio, se instalou no prédio da Farmácia Natura, que fica na rua XV de novembro, porém com um prédio vago ao lado da Farmácia, o senhor Moura, resolveu alugá-lo para fazer ali seu museu. Na entrevista disse que:

“é um pouco de loucura tu alugar um prédio na XV de Novembro, um prédio central, maravilhoso. Eu vou pensar o seguinte, eu vou pensar que esse museu vai ser um investimento em cultura, para uma cidade que sempre se orgulhou de sua cultura, da sua história (...) então já que Pelotas preza muito a sua história, preza sua cultura, vai ficar bem de 25 anos, um museu pra contar a nossa história” (*idem*).

Esse colecionador mostra ter muito apego pela sua coleção, e trata seus objetos como “filhos”. Durante a entrevista, a entonação de sua voz muda quando fala deles, ele diz que: “é muito interessante que as pessoas quando visitam o museu, olham o acervo e me perguntam qual a tua peça preferida? Eu digo pra ela ‘qual é o teu filho favorito?’ Todos os filhos são importantes então eu o vejo como uma orquestra, tudo é importante”. E diz ainda, que “adora” ouvir as pessoas dizerem que “é uma coisa monumental, que é moderno, que não tem cheiro”, ouvir “elogios rasgados” e sente prazer quando ouve os visitantes dizerem que “se ele (o museu) tivesse na Europa que eu (o dono do museu) não faria feio”. Nota-se nesta última frase a questão de quem é o poderoso – se o museu estivesse na Europa, não é o museu que não faria feio, mas **ele**, o dono do museu.

A entrevista já tinha acabado e o senhor Gilberto pediu para ligar o gravador, pois gostaria de falar que várias pessoas que tem vínculo com a prefeitura ou com a UFPel, o perguntam como ele mantém o museu e como ele vai conseguir verbas vindas do governo federal. Então ele diz que:

“para receber verbas, eu perco a autonomia de eu decidir os rumos que o museu vai tomar e fico refém do que o governo ou as autoridades ditam (...). Então no momento que eu aceitar verbas eu teria que constituir uma instituição e delegar a administração do museu aos amigos do museu, que poderiam de repente dar um rumo que eu não gostaria, tudo isso pra diminuir os custos. (...) Então não precisamos lembrar que mais importante que tudo é sermos livres não ter o rabo preso e fazer o que se quer (...). Eu não quero correr esse risco, que as custas de receber benefícios do governo eu ter que gerir minha idéia pela que eles querem, esse museu vai ser sempre livre!

A sensação que o colecionador sente ao ver seu museu funcionando é de “orgulho e de certeza que se fez a coisa certa (...). É preciso parar de pensar que tudo tem que dar lucro. Tem coisas que temos que imaginar que são aplicações não financeiras, mas culturais. E nunca contabilizar como custo, mas como realização”

Então nos dois museus aqui neste capítulo relacionado, pode-se perceber a relação de poder estabelecida entre colecionador e museu. Sendo que no primeiro museu, o poder que a colecionadora, Antoninha, exerce é através de seus recursos financeiros, pois através dele, ela pode dar certos rumos ao museu, porém o sentimento de poder é mais para se mostrar para o seu ciclo de amigos, e para si, ao ver exposto os objetos que pertenceram aos seus familiares, ou que ela pôde comprar em antiquários, pois afinal, o nome dela não aparece no museu, não tem seu sobrenome gravado numa plaquinha, o que é diferente com o Museu Farmacêutico, no qual o próprio nome no proprietário aparece no nome do museu. Além disso, ele se mostra uma pessoa presente que está sempre dentro do museu, que recebe os visitantes, que negocia a compra ou as doações dos objetos.

Considerações Finais

O fenômeno do colecionismo teve seu auge na época dos gabinetes de curiosidades, momento em que, em função do contato com “novas terras”, surgiram inúmeros objetos e seres completamente estranhos aos que os ocidentais estavam acostumados. Motivados assim, pela curiosidade – uma das características dominantes dos colecionadores – várias pessoas começaram a juntar esses objetos formando diversas coleções, e muitas delas, deram origem a vários museus. Em Pelotas não é diferente, os museus usados como exemplo neste trabalho tem forte influência deste fenômeno, sendo um deles, fundado pelo próprio colecionador.

Museu é uma instituição pública, que abriga objetos de origem animal, vegetal, mineral, ou frutos da produção humana, que deve ser aberto a todos os tipos de públicos, sem preconceito, gerando desta forma o acesso universal ao conhecimento que a partir dele se constrói. Pode ser de origem pública ou privada, sendo usado como exemplo neste trabalho, museus originados das duas esferas, sendo o Museu Municipal Parque da Baronesa, de origem pública, e o Museu Farmacêutico Moura de origem privada. Ambos os museus citados, porém, têm marcada a presença do colecionador e ambos tiveram influência do colecionismo.

A motivação dos colecionadores transporem suas coleções particulares para dentro de instituições abertas ao público, como os museus, se daria talvez, por não haver mais razões para tê-los em um ambiente fechado. As coleções dentro das casas dos colecionadores não mais exprimem o sentimento de poder dessas pessoas, elas devem assumir outra postura para poder suprir a necessidade do seu dono, por isso os colecionadores acabam transferindo-as para as instituições. Um dos motivos talvez seja, por que não há mais ciclos de amigos, como antigamente, para os colecionadores exporem seus objetos em casa, e isso pode ser decorrente da correria do dia-a-dia e do avanço das tecnologias que permitem a comunicação a distância. Então se os colecionadores não podem mais mostrar seus objetos em casa, eles doam ou emprestam para instituições públicas para assim ganhar reconhecimento.

As relações de poder dentro de uma sociedade só são possíveis quando há submissão de um em obediência a outro. Por exemplo, desde crianças temos que obedecer aos pais, depois os professores, os patrões, sempre somos submissos a alguém.

Dentro dos museus não é diferente, para se conseguir verba, às vezes deve-se seguir regras, (os requisitos para sua contemplação), além disso, deve-se respeitar o estatuto do museu, os funcionários devem obedecer ao diretor, que deve obedecer ao código de éticas, enfim, é um ciclo, um obedece outro que obedece outro e assim por diante.

Nos museus usados como exemplo neste trabalho, além dessas relações de poder ainda há a figura do colecionador que influencia diretamente na administração ou no funcionamento do museu. No Museu da Baronesa, Antoninha influenciou muito a administração, o seu poder aquisitivo assim como sua posição social foram decisivos quanto a este fato, e também porque as diversas administrações do museu deram essa oportunidade, de que ela se sentisse “dona”. Já no Museu Farmacêutico, a situação é um pouco diferente, pois o dono do museu é o colecionador, então ele tem total liberdade e não depende de ninguém, nem mesmo de verbas externas, ali ele manda e os outros obedecem.

A respeito do Museu Farmacêutico e sua relação com o colecionador Moura, além de este mostrar apego pela sua coleção, no que tange aos tipos de poder, ele pode ser enquadrado nos três mencionados no capítulo dois: para se mostrar, pelo saber, e pela questão do dinheiro. Na entrevista aqui realizada, Gilberto Moura mostra que “sabe muito”, que tem objetos de vários países, logo ele conhece e entende sobre eles. Para mostrar à população que é um homem bem sucedido, até mesmo deu seu sobrenome ao museu.

Percebe-se que a relação entre colecionador e memória é diferente nos dois museus, pois, no MFM o colecionador atua por *status*, já no MMPB, Antoninha atua pela preservação da memória do que acredita ser belo – o que importa é que os objetos possam ser apreciados, mas os visitantes não precisam saber que ela é dona de alguns deles, ou que ela ajuda o museu. Claro que Moura também atua para preservar a memória, porém a coleção dele serve mais como promoção pessoal e profissional.

Entretanto, ambos os colecionadores acumulam objetos pelo prazer de ter por perto algo que possa os fazer lembrar suas vidas, de suas glórias. Moura guarda objetos ligados a sua profissão, que para ele é algo apaixonante e muito importante. Antoninha guarda objetos ligados a sua vida pessoal, que a remete a riqueza que sempre desfrutou.

Ambos entendem muito sobre o que colecionam e acreditam que aqueles que não gostam de seus objetos não tem “cultura”.¹⁰

Observa-se que apesar de este trabalho não ter sido constituído como um estudo comparativo, nem mesmo um estudo de caso – pois foram analisados dois museus com origens diferentes, um de origem privada e outro de origem pública – conforme foi analisada a trajetória das coleções, os motivos que os colecionadores tiveram para transportá-las para instituições públicas e as suas relações entre memória e poder, foi possível traçar as semelhanças e as diferenças entre os museus e os colecionadores. Apresentando, dessa forma, como tais características e peculiaridades delineiam a constituição de museus, de maneira geral, e suas produções discursivas.

¹⁰ Isso com base em suas entrevistas, pois Antoninha disse que os funcionários do museu tiraram suas camisolas da vitrine porque não tinham “cultura”, e Moura disse que o reitor não foi visitar seu museu porque não tinha “cultura”.

Fontes primárias

MOURA, José Gilberto Perez de Moura. Depoimento oral. Entrevistadora: Taciana Rocha Casanova. Pelotas, RS. 08/06/2010.

MUSEU, Municipal Parque da Baronesa. **Termo de comodato.**

MONTONE, Annelise Costa. Depoimento oral e por e-mail. Entrevistadora: Taciana Rocha Casanova. Pelotas, RS. 04/06/2010.

SAMPAIO, Antonia de Oliveira Sampaio. Depoimento oral. Entrevistadora: Taciana Rocha Casanova. Pelotas, RS. 22/06/2010.

Bibliografia:

ALMEIDA, Cícero Antônio de. **Museologias possíveis, a novidades do Brasil não é só litoral**, Revista Musas, volume 2, 2006.

ALMEIDA, Cícero Antônio de. **Por um Ecumenismo Cultural nos Museus**, Revista Museu, 18 de maio de 2005.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. O Coleccionismo Ilustrado na Gênese dos Museus Contemporâneos. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, vol. 33, Rio de Janeiro, 2001.

ANDRADE. Pedro. **Os objetos que colecionavam sujeitos (estilos ou gêneros de escrita: diálogos sociológicos)** Episteme, Porto Alegre n.20, Jan/jun. 2005.

ARGAN, Giulio C. **Do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo, Companhia das Letras. 1992.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família** – estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol.2 n.3, p.29-42.

BLOM, Philipp. **Ter e Manter. Uma história íntima de colecionadores e coleções**. Editora Record. Rio de Janeiro. 2003.

BOSI, E. **Memória e Sociedade; lembranças de velhos**. São Paulo. T.A. Queiroz, 1979.

BOTTREL. Vera Lúcia (org.). **História representada: o dilema dos museus**. Livro do Seminário Internacional. RJ: Museu Histórico Nacional, 2003.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997 p.238-350.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade** .Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283 350:Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CARDOSO, Rafael. **Coleções e construções de identidades: museus brasileiros na encruzilhada**. In: BITTENCOURT, José Neves; BENCHETRIT, Sarah Fassa; TOSTES, 2003.

CARLAN, Claudio Umpierre **Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa**. Revista Historia, São Paulo, 2008.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade**. Argos, 2006.

CHAGAS, Mário. No museu com a turma do Charlie Brown. In: **Cadernos de Museologia (2)** Lisboa. Centro de Estudos de Sócio Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1994 p: 49-65

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1997, p.89.

GIRAUDY & BOUILHET, 1990, p. 23

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo. Vértice. 1990

ICOM, **Código de ética para museus**. Disponível em: http://www.icom.org.br/codigo_etica_port.pdf Acesso em: 19 jan. 2010

ICOM. **Declaração de Caracas - 1992**. In: A Memória do Pensamento Museológico contemporâneo - Documentos e Depoimentos. São Paulo. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.

ICOM. **Mesa-Redonda de Santiago do Chile - 1972**. In: A Memória do Pensamento Museológico contemporâneo - Documentos e Depoimentos. São Paulo. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.

JANEIRA, Ana Luisa. **A Configuração epistemológica do colecionismo moderno (séculos XV-XVII)**. Episteme, Porto Alegre n.20, Jan/jun. 2005.

JANEIRA, Ana Luisa. **A memória na comunidade científica e museológica moderna**. Episteme, Porto Alegre n.20, Jan/jun. 2005.

JANEIRA, Ana Luisa. **Configurações epistêmicas do colecionismo**. Episteme, Porto Alegre n.20, Jan/jun. 2005.

JANEIRA, Ana Luisa. **Gabinetes, Boticas e Bibliotecas**. Episteme, Porto Alegre n.20, Jan/jun. 2005.

JANEIRA, Ana Luisa. **Primórdios do colecionismo moderno em espaços de produção do saber e do gosto**. Revista Memorandum, Belo Horizonte, 2006. WWW.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/janeira01.htm

LARA FILHO, Durval. **Museu – de espelho do mundo a espaço relacional**. São Paulo: USP, 2005 (Dissertação de mestrado).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LEAL, Noris. **Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um Museu Municipal 1982 a 2004**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, UFRGS, Porto alegre. Orientadora: Maria Luíza.

LERNER, Kátia. Museus, patrimônio e poder: reflexões sobre as praticas de memória na modernidade. In: **Museus, memória e esquecimento: um projeto da modernidade**. Rio de Janeiro, e-papers, 2004. 262p.

LUGLI, Adalgisa. **Naturalia et Mirabilia. Les cabinets de curiosités en Europe**. Paris: Adam Biro, 1998.

MAGALHÃES, Mário Osorio. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPEL, 1993. Pág. 124.

MARSHALL. Francisco. **Epistemologias Históricas do colecionismo**. Episteme, Porto Alegre n.20, Jan/jun. 2005.

MENSCH, Peter van. **O Objeto de Estudo da Museologia**. Rio de janeiro, Escola de Museologia , UNIRIO, 1994.

MORAES, Nilson Alves de. **Conversando com e sobre Bourdieu: museu e poder simbólico**. Revista eletrônica jovem museologia, ano 1 n 01, Janeiro de 2002 <http://www.unirio.br/jovemmuseologia/>

OLIVEIRA, A. M., SIEGMANN, C., COELHO, D. **As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê?** In: Episteme. Porto alegre. nº 20. 2005.

OS MUSEUS NO MUNDO, Editora, Salvat, 1979 – Entrevistado: Hugues de Varine-Bohan.

PERRONE & ENGELMAN. **O colecionador de memórias**. Episteme, Porto Alegre n.20, Jan/jun. 2005.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. In **enciclopédia Einaud**. Vol 1- Memória História, 1997, imprensa nacional – casa da moeda.

POSSAS, Helga C. G. **Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a historia natural**. In: FIGUEIREDO, Betania G. e VIDAL, Diana G. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museografia moderna**. Belo Horizonte/Brasília: Argvmentvm/CNPq, 2005.pp. 151-164.

SANTOS, Myrian. **Objetos, memória e historia. Observação e análise de um museu histórico brasileiro**. Revista de ciências sociais. Rio de Janeiro. Vol 35 n.2, 1992.